

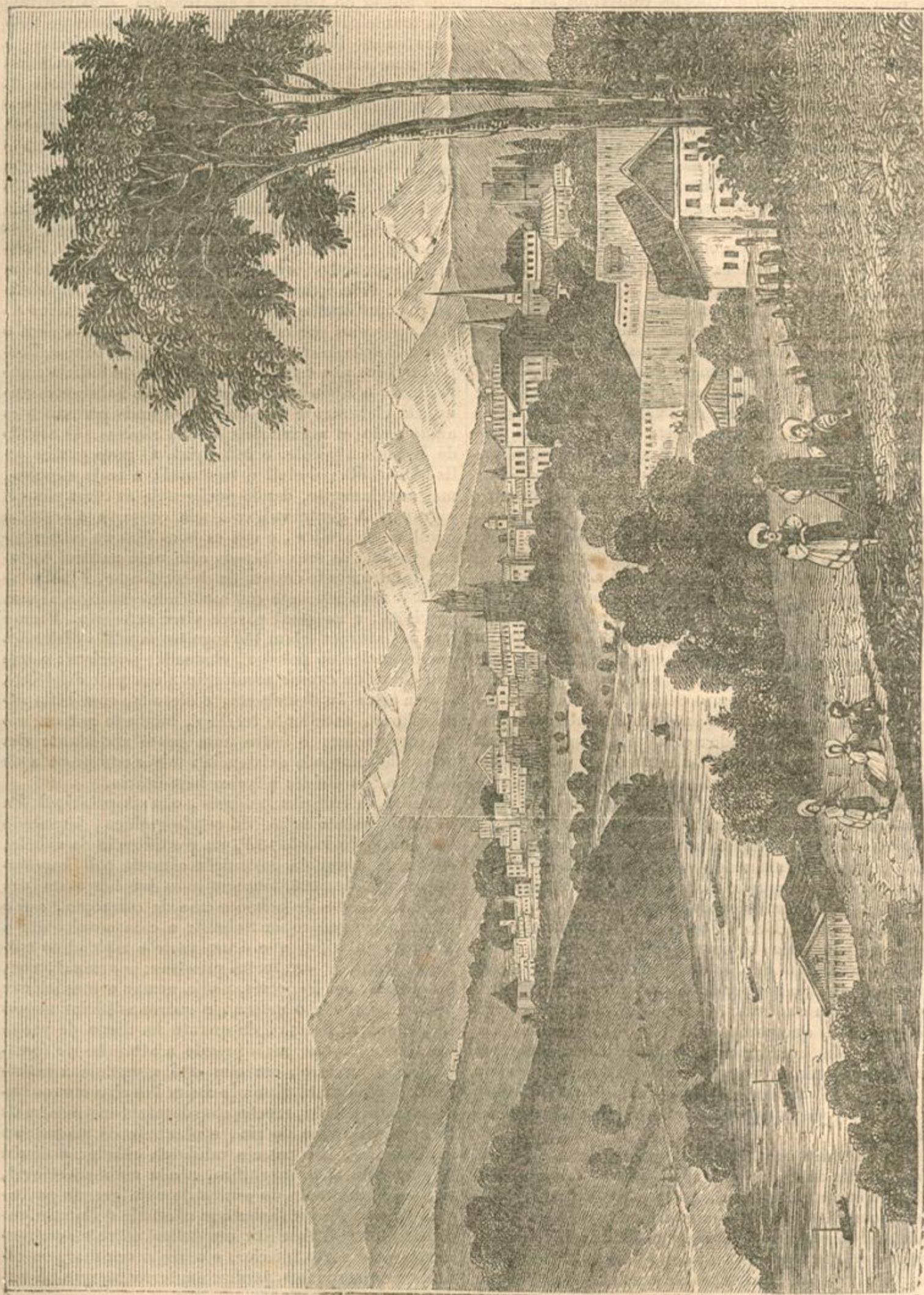
O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

63) PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JULHO 14, 1838



VISTA DE BERNE.

BERNE, NA SUISSA.

BERNE, capital do cantão do mesmo nome, é uma das maiores e mais populosas cidades da Suíça. Não pôde, todavia, competir em antiguidade com outras cidades, hoje menos consideráveis, tendo sido fundada em 1191 por Bertholdo 5.^o, duque de Zähringen. Por morte deste, em 1218, a elevou á jerarchia de cidade imperial o imperador Frederico 2.^o, que, além de mui consideráveis privilegios conferidos aos habitantes, lhes deu um código legislativo, que por muito tempo serviu de base das leis civis do cantão. Em virtude delle, os magistrados e o conselho do governo eram escolhidos em assembléa geral dos cidadãos, na qual tinham voto todos os possuidores de prédios urbanos. Com o andar dos tempos os cidadãos se dividiram em quatro tribus com seus chefes, que exercitavam grande influencia nas eleições. Pouco a pouco os membros do conselho vieram a ser vitalícios, e as vagaturas se preencheram com os individuos de meia duzia de familias poderosas; estabelecendo-se por esta fórma uma especie de aristocracia, sem dependencia das assembleas geraes. Nos primeiros periodos da sua existencia, Berne, segundo o costume do tempo, se achou implicada em continuas desavenças com os senhores feudaes seus vizinhos. Alguns destes vieram residir na cidade, e assim tomaram parte no governo; outros combateram até serem desbaratados; e com os territorios de todos cresceu em força e população o districto de Berne. Ainda não contava um seculo de duração já este poder nascente desafiava o ciúme do imperio: e Rodolpho de Hapsburgo, o fundador da casa de Austria, e seu filho Alberto 1.^o, debalde trabalharam por abate-lo. O desbarate do imperador Luiz 5.^o [de Baviera] em 1339, serviu de dar nova força ao estado de Berne, e de colloca-lo no primeiro logar entre os demais da Helvecia occidental; de fórma que dahi a poucos annos foi admittido na confederação suíça, onde hoje figura como um dos cantões chefes. A sua ultima conquista foi o paiz de Vaud, tomado em 1536 ao duque de Saboya, em virtude d'um ataque que este fizera contra a republica de Genebra, aliada de Berne. Os francezes em 1798 invadiram o cantão, e tomaram e saquearam a capital: desde então a absoluta supremacia da cidade foi decaindo: e já, pela constituição de 1815, os districtos ruraes tinham seus representantes no supremo conselho. Finalmente desapareceu de todo o resto da preponderancia dos burguezes, ou cidadãos de Berne, com a nova lei organica de 1831; o systema representativo tomou novo pé, e os membros do conselho ficaram sendo eleitos pelos districtos ruraes e urbanos, segundo a respectiva população, e sem distincção de privilegios eleitoraes.

A situação de Berne é notavel. Jaz sobre uma especie de península, ou promontorio, que fórma o curso arrebatado do Aar, que a cerca por tres lados, ficando descoberta pelo quarto, da parte do occidente, por onde tem a entrada, sendo fortificada esta estreita garganta, que communica com o continente. Está assentada, em fórma de amphitheatro, na margem esquerda do rio, que corre muito inferior ao nivel da cidade, e lhe fórma com suas margens alcantiladas, e ingremes, por espaço consideravel, uma natural muralha.

Berne tem a reputação de ser uma das mais acaçadas cidades da Europa. A regularidade sem monotonia é a sua caracteristica. As ruas principaes são largas, correndo a todo o comprimento de nascente a poente, e nesta direcção quasi parallelas; não inteiramente rectas, mas descrevendo graciosas curvas. Mr. Inglis diz que se não lembra de ruas d'Inglaterra que

sejam superiores á rua principal de Berne. A maior parte tem fontes copiosas com tanques mui vastos, e grande variedade d'ornatos; e muitas dellas são guardadas de arcadas, que prestam abrigadas communicações para as lojas. Simond as compara com as novas construcções de París, e Londres, e diz que foram originariamente imitadas das que há nas cidades lombardas, que por seu estado superior de civilisação foram os modelos das cidades imperiaes da Alemanha e da Suíça no tocante á architectura, e ás instituições municipaes. Como as ruas, as estradas de todo o cantão são limpas, commodas, bem construidas, e bem mantidas, e podem competir com as melhores da Europa. Um viajante inglez as acha comparáveis ás da Graã-Bretanha, e ainda mais espaçosas; e o testemunho de um inglez não é suspeito quando engrandece e louva alheios paizes. Em uma palavra o fausto em Berne parece encaminhar-se unicamente para os objectos de publica utilidade: ao lado dos vastos terreiros, das formosas fontes, e das magnificas e umbrosas lamedas de arvores, as habitações dos cidadãos apparecem sem pompa, mas simples, solidas, e commodas; e muito raras são as que inculcam pobreza. Não rodam pelas ruas equipagens esplendidas; encontram-se, porém, a cada passo os carros do paiz, puxados por cavallos ou bois, trazendo para o mercado abundantes generos dos districtos ruraes. Berne tambem não é uma cidade de grande bulicio commercial; o modo grave e pausado dos habitantes annuncia claramente que outros, e mais permanentes ainda, são os mananciaes da sua riqueza. O cantão de Berne é agricola, e industrial. O povo parece feliz e contente; é civil e tractavel; e traja simples, mas acaadamente, dando preferencia ás côres escuras e graves. A gente vulgar ainda conserva o costume familiar de saudar, e dar os bons dias ao estrangeiro, tirando os seus chapéus com uma natural cortezia, inteiramente destituida de servilismo. Finalmente, este povo desfructa commodidades analogas ás suas precisões, e no geral parece viver satisfeito. Pena é que os naturaes sejam tão sujeitos áquellas disformes excrescencias do pescoço, chamadas *papeiras*; o que não deixa de causar admiração n'um paiz deleitoso, n'uma situação descoberta, e elevada, com bella atmosphera, excellente terreno, banhado por um rio de curso veloz, e entre uma gente abundante dos meios de commoda existencia: talvez isto proceda de molestia, ou defeito physico hereditario.

Entre os edificios publicos, o mais principal é a sé, monumento nobre do estylo gothico, levantado no começo do seculo 15.^o, na reedificação da cidade, depois da completa destruição causada pelo horroroso incendio de 1405. Seguem-se os dois hospitaes [um dos quaes serve de prisão e casa de correcção, e é o maior deste genero na Suíça]; a casa municipal; a terecena do trigo, que é um vasto e esplendido edificio, estribado em fortes pilastras; o arsenal, que, na entrada dos francezes, podia armar e municionar 60:000 homens; o museu, e outros edificios menos importantes. Porém, de quanto ha digno de ver-se em Berne, o que mais prende a attenção do forasteiro é o terreiro, em que está assentada a cathedral. É uma plata-fórma [e assim lhe chamam os habitantes] artificial, erecta, com despezas enormes, mais de cem pés acima do rio, e plantada de magestosos castanheiros. É o passeio valido da cidade, e donde se goza uma vista magnifica, ainda mais apreciavel, porque se desfructa do centro de uma grande povoação. Não ha *tourist* inglez que não falle della com enthusiasmo. "O Aar [diz um d'elles] corre magestosamente pela parte inferior, e sobre a sua margem estão, como suspensos, jardins em terrados, que na ex-

tensão d'uma milha appresentam uma formosa ladeira, recamada d'árvores fructíferas, de arbustos, e de salgueiros chorões, e esmaltada com as côres de centenares de flores. Além do rio se espraia a vista por um paiz rico em toda a casta de verdura, salpicado de logarejos, de casas caiadas, e de cabanas dispersas; mais ao longe se dilata a vasta cordilheira d'uma ramificação dos Alpes, que vai entestar com as nuvens, e fecha soberbamente o horisonte. Frequentes vezes na vida me recordo desta paragem deliciosa, e de quantas visitei é a que trago mais impressa na memoria, e a que dou a preferencia. Ha bellos passeios em outras cidades, mas é preciso, para lá ir, andar por uma ou duas horas, quando em Berne, se vae de qualquer parte á plata-fórma, em obra de dez minutos." —

Esta cidade é patria do celebre Haller. A sua academia converteu-se em universidade em 1834; e com outros estabelecimentos d'educação, que possui, fornece actualmente amplos meios d'instrução aos habitantes de todo o cantão.

PONTUAÇÃO.

I

UMA das cousas, em que maiores incorrecções e incertezas apparecem, no commum dos escriptos, é a pontuação: julgamos, por isso, utilissimo dar aqui algumas breves noções, ácerca de tal materia, esclarecendo-as com exemplos tirados dos nossos classicos: até, porque esta parte da orthographia é a que mais de leve teem tractado os escriptores de grammatica portugueza.

Pontuação é a arte de indicar na escriptura, por signaes ou notas, a proporção das pausas, que devemos fazer, fallando ou escrevendo.

Grande numero de manuscriptos existem, onde, nem as palavras, nem os sentidos, nem as proposições se acham distinctas de maneira nenhuma; e isto nos prôva, que, ainda entre os antigos havia a este respeito muita mais incerteza, do que entre os modernos. Todavia, encontram-se nos escriptores gregos e romanos varios testemunhos, dos quaes se colhe, que elles tinham percebido a necessidade, que havia, da pontuação, e que, para ella, tinham instituido caracteres. Isidoro de Sevilha falla delles como de cousa antiga, usada pelos mais celebres escriptores. S. Jeronymo, traduzindo a Biblia, no fim do 4.^o seculo e começo do 5.^o, diz, que se servira de varios signaes para distinguir as palavras, os membros, e os versículos, na sua versão.

Cicero conheceu mui bem estas notas distinctas, e o uso, que das mesmas convinha se fizesse. Assim o lêmos no 3.^o livro do orador, onde diz: que taes notas são destinadas para mostrar o repouso, e as medidas; porque será bellissimo aquelle discurso, que tiver uma boa ordem e natural, com judiciousa e propria junctura, e com cadencia justa, e harmoniosa; o que tudo por semelhantes signaes, sómente, se pôde fazer perceber. Desta verdade daremos um exemplo em dois formosos periodos.

“A uma pequena legua da cidade, pela estrada que corre para Cintra, pouco desviado della para a parte do poente, fica, como escondido, e furtado á communicação da gente, um pequeno valle, que, sendo naturalmente aprazivel, por frescura de fontes e arvoredos, mereceu, ao que se pôde crer, o nome que tem de Bemfica. — *Sousa. Chron.*

“Quando ás vezes ponho diante dos olhos os muitos e grandes trabalhos, e infortunios, que por mim passaram, começados no principio da minha primeira idade, e continuados pela maior parte

e melhor tempo da minha vida, acho, que com muita razão me posso queixar da ventura, que parece que tomou por particular tenção, e empreza sua perseguir-me, e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser materia de grande nome, e de grande gloria. — *Mendes Pinto. Peregr.*

Estes periodos, na verdade excellentes, ficariam, sem a pontuação, escuros, e perderiam parte de sua natural formosura. Casos ha, como logo veremos, em que outros não menos bellos, sem ella, seriam, não só escuros; mas até inintelligiveis.

Aristoteles, que floresceu trezentos e tantos annos antes de J. C., se queixava de que as obras de Heraclito não podiam ser pontuadas, sem risco de se lhes dar um sentido contrario. Isto nos dá a certeza de que o philosopho não sómente conhecia a necessidade de fazer, com intelligencia, pausas convenientes na expressão do discurso escripto; mas tambem, que conhecia o uso dos pontos, para esta distincção.

Os antigos pontuavam de outra maneira, que nós não pontuamos. Serviam-se tão sómente de um ponto nos manuscriptos: e segundo este era collocado ao alto, no meio, ou abaixo da linha, significava um sentido começado, continuado, ou acabado. Depois que a ignorancia se espalhou com os povos barbaros no imperio do oriente, e do occidente, desprezou-se a pontuação: mas, no tempo de Carlos-Magno, se restabeleceu pelo cuidado de Alcuino, e pelo trabalho de Paulo, filho de Varnefrido.

Os manuscriptos depois deste tempo, foram pontuados com maior ou menor exacção, segundo a capacidade do copista. E, ácerca dos impressores, dizem, que foram os Manucios os inventores dos pontos, e das virgulas, e que começaram a fazer uso de ambas as cousas nas suas famosas edições. Affirma-se, que Roberto Estevam fixára a pontuação do Novo Testamento.

A pontuação consola, e dirige o leitor: indica-lhe os logares, onde convem descansar, para tomar a respiração, e quanto tempo devem durar estas pausas. Isto concorre muito para a boa intelligencia, de modo, que tanto o homem de mais agudeza, como o de menos, possa entender o que lê, havendo muitos casos, em que o sentido de um bello discurso não seria percebido, nem pelo douto, nem pelo indouto, se lhe tirassem a pontuação. Poremos um exemplo.

“Já que o perfido calvinista dos successos que só lhe merecem nossos peccados faz argumento da religião e se jacta insolente e blasphemo de ser a sua verdadeira veja elle na roda dessa mesma fortuna que o desvanece de que parte está a verdade os ventos que descompoem e derrotam nossas armadas derrotem e desbaratem as suas as doengas e pestes que diminuem e enfraquecem nossos exercitos escalem as suas muralhas e despvoem os seus presidios os conselhos que quando vós quereis castigar se corrompem em nós sejam allumiados e nelles enfatuados e confusos.

Esta algaravia, a custo intelligivel, se converte n'um bello periodo, sendo convenientemente pontuada.

“Já que o perfido calvinista, dos successos, que só lhe merecem nossos peccados, faz argumento da religião, e se jacta insolente, e blasphemo, veja elle, na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompoem, e derrotam nossas armadas, derrotem, e desbaratem as suas: as doengas e pestes, que diminuem, e enfraquecem nossos exercitos, escalem as suas muralhas, e despo-

voem os seus presidios: os conselhos, que, quando vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam allumiados, e nelles enfatuados e confusos.—
Vieira. Serm.

Quem poderia sentir a infinita formosura do seguinte quadro do mesmo Vieira, se não fosse a luz que nelle derrama a boa pontuação?

“Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca, bruta, dura, informe; e depois que desbastou o mais grosso, toma o maço e o cinzel na mão, e começa a formar um homem; primeiro, membro a membro, e depois, feição por feição, até a mais miuda: ondea-lhe os cabellos; aliza-lhe a testa; rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz; abre-lhe a boca; avulta-lhe as faces; tornea-lhe o pescoço; estende-lhe os braços; espalma-lhe as mãos; divide-lhe os dedos; lança-lhe os vestidos: aqui desprega; alli arruga; acolá recama: e fica um homem perfeito, e, talvez, um sancto, que se pôde pôr no altar.

Assim como fallámos para sermos entendidos, assim também escrevemos para transmittirmos aos ausentes os nossos pensamentos, de modo intelligivel. Ora a palavra escripta é como a palavra pronunciada. Os signaes da pontuação na escriptura, e o descanço da voz no discurso correspondem-se mutuamente, e igualmente indicam a união, ou desunião das idéas: e, assim, tanto inconveniente haveria em supprimir, ou collocar erradamente na escriptura os signaes da pontuação, como em supprimir ou mal collocar no discurso o descanço da voz. Seja, pois, este descanço a norma da pontuação, para aquellas pessoas, para quem as regras, tiradas da grammatica, seriam superiores aos seus conhecimentos; mas que bem devem perceber, que ambas as cousas servem para determinar o sentido, e que ha taes discursos, que não teriam, a não haver o soccorro das pausas, ou dos signaes, que as indicam, senão uma significação incerta e equívoca, e que offereceria sentidos contradictorios, segundo a ordem, porque alli se amontoassem as palavras. É pela ommissão dos pontos e virgulas, bem collocados, que se tem encontrado difficuldades mui grandes, na intelligencia da Biblia, na expressão dos dogmas, e na enunciação das leis, e de contractos importantissimos.

Quanto ás regras de pontuação, deduzidas dos principios ideologicos, e da grammatica geral, ainda se pôde dizer que não estão assentadas; e por ventura nunca se assentarão. Parece-nos que ainda se não mostrou a verdadeira causa disto; a não ser a difficuldade que nasce das variadas maneiras porque as phrases e as palavras podem ser collocadas. Talvez que os principios de um systema verdadeiramente regular dependam de uma tão subtil methaphysica, que poucas pessoas estejam no caso de o comprehender; e por isso o meio que apontámos, de regular a escriptura pelas pausas do discurso, seja o unico popular. O que é certo é, que nos escriptores, que tem tractado desta materia, se acham taes confusões, que, por ventura, seria mais damnoso, que util, o repetir as regras que elles pozeram.

(Continuar-se-ha).

ARTE GYMNASTICA.

A GYMNASTICA é a arte de enrijar o corpo por meio de diversos exercicios, e de conservar-lhe a saude: ella lhe desinvolve as forças, faz com que adquira agilidade, e dá garbo e desembaraço aos seus movi-

mentos. O salto, a corrida, e a lucta são os exercicios proprios para desinvolver a força.

O salto comprehende o salto propriamente dicto, que consiste em saltar por cima de um obstaculo, mais ou menos alto; o salto sem recuar, que se dá a pés junctos; o salto com recuo; o pulo dado com o auxilio d'um páu, que é util para saltar fossos largos; o salto mergulhante, que se dá de cima d'uma altura de quinze a vinte pés; o salto ao comprido, que serve para salvar um fosso ou rio; [ha quem salte até quinze pés ao comprido]; o salto continuo, que se dá a pés junctos, ficando vencedor o que chega á méta em menos saltos; e finalmente o salto n'um pé só.

A corrida é o exercicio mais simples e o mais util para a conservação da vida do homem, por quanto dá grande força aos membros e aos pulmões.

A lucta consiste em abraçarem-se os antagonistas, e apertando-se com as mãos e braços, diligenciarem derribar um ao outro. O exercicio da lucta contribue singularmente para fortalecer todas as partes do corpo.

Os exercicios proprios para cobrar forças e agilidade, são a natação, a arte de arremeçar, e a de trepar.

Da arte de nadar se tira em primeiro logar o proveito dos banhos, e depois a faculdade de salvar a propria vida, e muitas vezes a de outrem, quando se nada com perfeição. Os mancebos devem fazer uso dos banhos frios, os quaes augmentam a força dos musculos, e acostumam a supportar o frio, — moderam, no estio, o calor do sangue, e o fazem circular mais livremente, — e finalmente mantém a saude, que não pôde conservar-se sem grande acceio. Convém muito tomar banhos de manhã, antes de nascer o sol, porém nunca logo depois de comer. Os mestres não devem consentir que os seus discipulos entrem no banho antes de esfriarem, e os farão saltar n'agua para que mergulhem logo, pois do contrario pôde subir o sangue á cabeça: os que não sabem mergulhar deverão molhar a cabeça antes de entrar n'agua. Bastam dez a doze minutos para refrescar o corpo, e fortalecer os nervos.

A arte dos exercicios de arremesso, que dá vigor aos musculos dos braços, e habilita para fazer pontarias com certeza e rapidez, consiste em arremessar ou sacudir algum objecto, quer seja com a mão, quer mediante algum instrumento, como o arco, a raqueta &c.

A arte de trepar é a que ensina a usar das mãos, dos braços, e das pernas, para subir a uma arvore ou trepar ao tópe d'um mastro. Os exercicios tendentes a trepar costumam ao mesmo tempo os mancebos a ser soffredores, perseverantes, e a desprezarem as dores.

Os exercicios proprios para desinvolver a elegancia do corpo são a equitação, a dança, e a esgrima.

A equitação é a arte de montar a cavallo; adquire-se apprendendo os exercicios da picaria, que tem por fim ensinar a reger um cavallo, assim nas occasiões de perigo, como nas de deleite.

A dança, é a arte de mover os pés a compasso ao som de instrumentos, dando ao corpo uma desinvoltura agradável, sem affectação. Todas as nações cultivaram este bello exercicio, que regula os movimentos do corpo, e lhe dá aquelle donaire, desembaraço e firmeza no modo de pizar, que tanto agrada em ambos os sexos.

A esgrima é a arte de usar da espada para ferir o inimigo ou aparar-lhe os golpes. Apprende-se a esgrimir com certos floretes mui flexiveis, sem fio, e que tem um botão na ponta, para não ferirem.

POLVORA.

SEGUNDO os annaes dos chins, elles principiaram a empregar a polvora para arremessar projecteis usados na guerra, no anno 1232, apesar de conhecerem este agente terrivel 1700 annos antes.

Attribue-se geralmente na Europa a invenção da polvora ao frade Schwartz, que a descobriu por acaso, em consequencia da explosão de uma mistura de enxofre, salitre, e carvão, que estava pisando n'um almofariz, isto no anno 1350. Comtudo ha razões para crer que já em 1294 conhecia Rogerio Bacon os effeitos desta composição, e até que no 12.º seculo fora empregada nos trabalhos das minas de Gaslar. Tambem é de suppor que os arabes a conheceram antes dos europeus, e a receberam dos chins por intervenção dos tartaros, e depois destes haverem conquistado a China.

O coronel inglez Gibbi descobriu em 1819 o meio de augmentar a força da polvora, junctando-lhe uma porção de cal viva. Em 1822, conseguiu Mr. Serullas inflammam a polvora debaixo d'agua, servindo-se para isso de um fulminato de carvão, antimónio, e potassio, que se incendeia pelo contacto da agua.

TRAFICO DA ESCRAVATURA.

PARCE que ha hoje uma generosa conspiração dos governos, dos escriptores, e dos homens influentes para acabar por uma vez com o horrivel commercio dos escravos: ninguem como os escriptores póde fazer tão bons serviços á causa da humanidade neste ponto. As leis e os cruzeiros de náus de guerra illudem-se: mas não se illude o odio publico e universal contra os criminosos de tão infame trafico: é preciso se faça com que o povo olhe para os traficantes de escravos, como na idade media se olhava para um templario, depois da extincção da ordem; como nossos avós olhavam para os judeus no principio do seculo 16; que se lhes negue o sal e o lume, a agua e a hospitalidade; que d'elles se fuja como de empestados. Para isto não são necessarias calumnias; basta lançar diante dos olhos do povo paginas escolhidas da historia daquelle detestavel tracto; e isto em um, e em mil jornaes; uma e mil vezes. Aqui o fazemos, escolhendo um facto, que ao mesmo tempo mostra, que muitas vezes a Providencia não guarda para além do sepulchro o castigo de semelhantes malvados. Este facto é o acontecido com o *Rodeur*, navio francez de escravatura.

Este navio, de quasi 200 toneladas, saiu do Havre em Janeiro de 1819, e ancorou em Bonny na Africa, na foz do rio Calabar, a 14 do seguinte Março. Era a tripulação de 22 homens, os quaes, tanto no tracto, como durante a demora nas paragens d'Africa, que foi d'um mez, todos gozaram de constante boa-saude. Tendo arranjado cento e sessenta escravos, amontoaram todas estas malaventuradas creaturas no fundo do porão, e debaixo da cuberta; depois do que deram á vella para o seu destino. Apenas teriam navegado 15 dias, observou o capitão que todos os negros estavam atacados de inflammções de olhos. Pouco caso se fez a principio desta circumstancia; mas, sendo obvio que a falta de ar renovado debaixo da cuberta era a causa desta enfermidade, o cirurgião do navio deu de parecer que se deixassem a turnos subir á cuberta os negros.

Arrancados da sua terra natal pelos tyrannos vindos da Europa, os desgraçados pretos poucas esperanças podiam ter na sua futura sorte; mas ao temor do porvir se ajunctavam os padecimentos que já sofriam. Amontoados de dia e de noite n'um espaço

tão pouco sufficiente para o seu numero, que a atmosphera se tinha tornado absolutamente pestifera, viam-se reduzidos a oito onças d'agua por dia! Atormentados, assim, corporal e mentalmente, não é de admirar que os infelizes escravos estivessem inteiramente reduzidos ao desespero; por isso muitos delles, em os trazendo acima da cuberta, se atiravam immediatamente ao mar, e se deixavam affogar.

Procurou o capitão, enforcando alguns, embaraçar que os outros se matassem; mas que importava isto a homens, cujos desejos e suprema ventura consistia no morrer? — Baldado este meio, e temendo o capitão perder o fructo que esperava colher da sua damnada e barbara especulação, deu ordem para que por nenhum caso se trouxessem os negros acima da cuberta. A consequencia desta determinação foi a que poderia ter previsto qualquer outro, que não estivesse obcecado pela mais vil avareza: as inflammções de olhos não só augmentavam espantosamente entre os pretos; mas por fim entrou pela tripulação: uns apoz outros foram atacados, de modo, que apenas escaparia um do contagio. O terror se apossou dos corações destes duros e corrompidos marinheiros, quando reflectiram em qual seria o seu destino, se todos chegassem a perder a vista. Em tal estado como poderiam chegar a apportar á America, ainda suppondo que os pretos se não revoltassem? E se isto succedesse, como lhes haviam de resistir homens cegos, ou como poderiam confiar na piedade das suas victimas, elles que os tinham escravizado e martyrisado?

No meio do perigo semelhantes reflexões occorriam naturalmente a estes malvados, ainda quando não houvesse exemplo de um caso semelhante; mas este exemplo, com effeito, existia. N'uma viagem antecedente o *Rodeur* tinha encontrado um navio hespanhol, o *Leon*, que andava no mesmo trafico, e cuja tripulação ia toda cega, correndo por isso a embarcação sem rumo, e á mercê dos ventos. O *Rodeur*, já carregado de gente, tinha deixado o *Leon* entregue á sua sorte [*]: agora era de crer, que egual fado o esperava.

Depois de terriveis padecimentos chegou finalmente o *Rodeur* a Guadalupe [para onde fazia viagem] a 21 de Junho. Dos desgraçados escravos, trinta e nove haviam perdido totalmente a vista de ambos os olhos, doze sómente a de um, e quatorze tinham-na mais ou menos estragada. Da tripulação cujo execravel procedimento era a causa unica de todas estas desgraças, dōze, incluindo o cirurgião, ficaram totalmente privados da vista de ambos os olhos; cinco, e entre elles o capitão, perderam a de um olho só, e quatro ficaram com ella mais ou menos diminuida.

LENDAS HESPAÑHOLAS.

Destruição d'Auria [1].

I

UM som de queixume e pavor — um grito tremendo e doloroso se escutava em todas as provincias de Hespanha. Desde os fragedos de Gibraltar, até os distantes desvios das Asturias, não se via senão desespero, afflicções e lucto. O imperio fugira das mãos dos godos, o throno de Rodrigo jazia por terra, e estava fadado que a altiva Hespanha soffresse o jugo do invasor mussulmano. Que espantoso espectaculo era aos olhos de um christão o ver o velho e o mesquinho — o fraco, o inferno e o indefenso — a mãe

(*) Do *Leon* nunca mais se ouviu fallar. Provavelmente foi a pi- que com todos os que iam nelle.

(1) Agora chamada Orense — foi totalmente destruida.

com seu filho nos braços — o monge com o crucifixo que salvara — o mancebo e a donzella — o marido e a quasi desfallecida esposa — fugindo em tropel pelas estradas, e abandonando os seus tectos queridos para se acolherem nas cidades muradas, a fim de escaparem ao ferro do infiel despiedoso! Desde a *peleja dos oito dias* [2] o terrivel inimigo tinha voado de conquista a conquista, sem dar nem tomar repouso. O arabe fero e o incansavel sarraceno se haviam ligado com os deshumanos filhos da Africa. A mesma crença os tinha fraternizado; o mesmo espirito de uma religião feroz, e de uma ambição desvairada, os havia tornado conquistadores. Nenhuma barreira que não fosse ephemera, se podia oppor á serie de suas victorias, que, devorando tanto as aldêas como as cidades, levavam a assolação a toda a parte, com tal força, que nem passos fortificados, nem baluartes, nem castellos torreados, lhes podiam obstar. Diante delles, o paiz parecia os jardins do Eden; atraz delles, um ermo arido e despido.

Mas o imperio godo não baqueou com ignominia: não herdaram os filhos da Hespanha nenhuma herança de opprobrio. O throno de Rodrigo só foi destruido pelas perfidias de traidores, e á custa de batalhas mui feridas. Os exercitos godos não fugiram; foram passados á espada e totalmente aniquilados; mas deixando repassadas de sangue mourisco as veigas do meio-dia, e tinctas nelle as correntes do Xerez. Quando até já não existiam nem as esforçadas legiões hespanholas, nem o seu capitão, na planicie visinha a cada castello, a cada cidade, tinham os agarenos que pelejar e vencer um combate de morte; — era um vasto campo de batalha que se estendia ante elles desde os infleirados cimos das *Montanhas Nevadas* até os valles dos Pyreneos.

Epocha medonha foi esta para a Hespanha! — A assolação, tremenda e irresistivel, se assemelhava a uma torrente caudalosa, que saindo do leito profundo, que durante seculos a conteve, submerge as aldêas espalhadas pelas suas antigas margens, tornando-as em montões de ruínas, ou antes se podia comparar a mil torrentes descendo repentinamente das montanhas e vindo affluir nos valles: — tão imprevisista, tão irresistivel era aquella subita devastação.

A bella Andaluzia foi a primeira victima. — De mar a mar: — desde os rochedos do sul até os cabeços das Alpujarras, as cidades foram incendiadas, os templos profanados e os sacerdotes expulsos delles. — O ferro exterminou uma população inteira, e debaixo dos pés duros do africano e do arabe, as mesmas campinas, outrora tão lindas, e os valles relvosos, amarelceram e seccaram-se. — E a sorte da Andaluzia era a que esperava a Hespanha inteira.

Lá sôa pelas amêas da torre da atalaia de Auria um grito estremecedor: — Mouros! Mouros! Ei-los! Ei-los! — E mil bocas repetiram este grito de baluarte em baluarte, de amêa em amêa, de palacio em palacio, e de choupana em choupana: os mouros! ei-los, ei-los! Mas não era esta voz a do pavor ou descorçoamento — não se ouvia alli o estrepito de exercito preparando-se para o combate — nem o murmuro do povo tumultuando — nem revolta — nem signal de terror: tudo estava prompto. Por nove dias estiveram abertas as portas de Auria desde o amanhecer até o sol-posto, para receberem dentro dos muros os desgraçados fugitivos, que para alli corriam de todas as terras proximas, temendo a chegada dos barbaros mussulmanos: nove dias lhes offereceram os muros d'Auria este asylo transitorio: — passados elles, as pesadas portas se afferrolharam. Havia justa-

mente um instante, que o som dos ferrolhos e batentes tinha repercutido nos ouvidos dos sentinellas, quando se ouviu clamar na atalaia: — mouros! Eis os mouros!

Passou uma hora — hora durante a qual todos os corações estavam cheios de uma resolução inabalavel e soffrida, a qual se reforçava a cada momento mais. Ella passou — e as portas de Auria foram cercadas. Não pelos mouros! — ainda não pelos mouros; mas pelo tropel desvairado dos camponezes, que em altos gritos pediam guarida. Ainda que só por uma hora mais se concedesse a entrada, os de novo chegados eram tantos, que bastariam para povoar uma cidade inteira. Debalde lhes diziam os de dentro que Auria estava já atulhada; as palavras, que lhes dirigiam para acalmar a sua desesperação, não faziam senão excitar mais altos e enfurecidos clamores. — A cada instante se approximava mais o inimigo. Os soldados, que das alturas fortificadas, tinham, sem se commoverem, escutado as pragas e as ameaças dos homens, pareciam já não poderem resistir ao olhar supplicante e aos gemidos profundos das mulheres, que imploravam piedade; mas os cabos de guerra estavam firmes na resolução tomada: — com os olhos enxutos e os corações partidos de dôr, recusaram absolutamente abrir as portas, vendo bem que a immediata consequencia disso seria a destruição de todos. Entretanto fizeram deitar das muralhas abaixo todas as armas que se podiam dispensar; e os que estavam de fóra apenas tiveram tempo de lançar mão d'ellas, e formarem um circulo á roda das mulheres e filhos, antes da chegada dos seus cruceis perseguidores. Os valentes de Auria desejariam voar em seu socorro; mas não era possivel abrir as portas em tal crise: — seria um louco heroismo o tenta-lo. Naquelle momento, com um tremendo — *Allah!* — e com a ferocidade de selvagens, os mahometanos correram á sua prêza. No principio os desesperados godos ficaram tranquillos, e as suas frentes immoveis, como se fossem de bronze: — depois como por um impulso do instincto, posto que tão mal armados, deram sobre o inimigo com tal furia, que lhe fizeram bem conhecer a recepção que deviam esperar em Auria, dando ao mesmo tempo aos seus compatriotas, que das amêas olhavam para elles espantados, uma lição semelhante á que deu Leonidas com os seus trezentos soldados ao resto da Grecia. Breve acabou a sua resistencia inutil: — seguiu-se uma horrivel matança de velhos e de invalidos — uma barbara carnificina de mulheres: — depois uma pausa silenciosa. — Tinha anotificado.

Os vencedores descansaram um dia da sua obra de sangue, talvez para cobrar alento, talvez á espera de novas cabildas da sua raça sanguinaria, que á pressa se approximavam. — Nem os de dentro pediam capitular, nem os de fóra offereciam condigões para isso: — veio e passou o terceiro dia do cêrco, e os cercados se indignavam do repouso e vagar dos infieis. Mil dos mais esforçados se resolveram a fazer uma correria, e a accommette-los. Affonso, guerreiro illustre, os devia capitanear.

Entregue aos cuidados daquella audaz empreza, Affonso sentia o coração bater-lhe de exultação, e trasbordando de gozo affagava o seu ligeiro cavallo. Guerreando por outras terras, não tinha assistido á batalha de Xerez; mas depressa lhe havia chegado aos ouvidos o brado da ruina da sua patria. Nem duvidoso, nem secreto era o assustador progresso do inimigo da cruz, o qual enchia de terror todas as nações da christandade. Olhado de longe, maior ainda se representava o damno: — era como um prodigio que fazia tremer os homens: — era como se um cometa, até

(2) A batalha de Guadalete, em que findou o imperio godo, durou oito dias e oito noites.

então desconhecido, tivesse apparecido nos ceus, e corresse com a rapidez do relampago para a terra ameaçada por elle. Affonso ouvira contar a victoria e os triumphos dos mussulmanos no seu paiz natal; e a indignação, e pensamentos eivados de remorsos ardião dentro em sua alma. De certo, para dar azas á pressa que tinha de voltar, não era preciso saber que Elfrida — a promettida esposa — existia n'um paiz entregue á devastação de infieis.

Quando pela ultima vez pousára nas sallas do seu castello, os pensamentos que tinha, os sonhos que sonhava, eram de prazer e de gloria. E agora a vergonha de tantos revezes era dentro d'elle um fogo devorador, que estava a ponto de chammejar! — Elfrida se refugiara em Auria, antes da chegada d'Affonso: — nove dias depois elle entrou alli, seguido de um tropel numeroso.

Ao enxergarem-se em distancia os fluctuantes pendões dos mahometanos, o guerreiro e a sua amante olhavam de um cubello para as planicies, que se estendiam em frente de Auria.

“Lá, lá ao longe, disse o cavalleiro, onde os estendartes da blasphemia ondeam, jaz o nosso aprazível senhorio. Nosso! — Oh não! — Louca vaidade foi quem me inspirou esta palavra: — não é já nosso: — nunca mais o será. Agora mesmo elle é calçado aos pés do cavallo do arabe. — Oh! elles são vagarosos! — Ha tanto tempo que os observo, e parece que estão immoveis! —”

O roseo rosto de Elfrida estava voltado para elle — e sem descorar de susto. O cavalleiro cravou nella os olhos: “Elfrida, disse elle, os mouros não te assassinarão: — não poderão assassinar-te! — E depois de uma pausa accrescentou, com ar duvidoso, e um tanto carregado: “que te parece, Elfrida, não podes tu vir ainda a ser esposa de um mussulmano?”

Ella recuou a estas palavras, como se uma blasphemia lhe houvesse retumbado nos ouvidos. “E és tu, Affonso, exclamou, és tu que perguntas a Elfrida se tem o coração de um apostata?” — Sua voz, seu gesto, seu lindo rosto demudado pelo horror, fizeram estremecer o guerreiro; mas antes de poder replicar, essa voz, esse gesto, essas faces tinham asserenado; e as lagrimas lhe borbulhavam dos olhos. Correndo o braço pela frente, ella as enxugou. “Affonso, proseguiu a donzella, posso eu esquecer jámais os dias da infancia e da juventude, em que junctos crescemos? Ser-me-hia dado esquecer a oração da innocencia, que no mesmo dia a ambos nos ensinaram? Perderia eu a lembrança das horas deleitosas durante as quaes, nestes ultimos annos, passeavamos junctos ao pôr do sol, em nossas apraziveis veigas? Esquecerei eu jámais a hora actual? — e parou, porque a profunda commoção que sentia lhe embargava os sons articulados: — então o cavalleiro replicou com vivacidade: “oh sim! — esquece a hora presente: esquece ao menos esse instante em que tão indigno pensamento achou expressões nos meus labios.” Mas reanimando-se e olhando para elle, Elfrida continuou: — “Agora escuta-me, Affonso, e não te esqueças nunca do que te digo. Eu t'o ordeno: — não offereças a vida a uma certa destruição. Não é por amor de mim, nem de ti que t'o mando: é por amor da Hespanha. Quando Auria deixar de existir, e nós, tristes mulheres, recebermos a honra de um sepulchro, tal como as ruínas destas torres demolidas, não te demores para tomar uma inutil vingança: — foge para as remotas Asturias: — lá vagueam ainda muitos esforçados guerreiros, e seja o teu cuidado unico, juncto com elles, o redimir das mãos dos infieis o nosso maldadado paiz.” Então Affonso cheio de admiração e gozo, exclamou: “tu o mandas! — Eu consagrarei

á Hespanha esta espada: mas tu não morrerás aqui, nem para isso eu pouparei a vida. Se o ceu o consente, Elfrida, nunca nos separaremos! Promette-me uma cousa!” — “Eu t'a prometto:” — “Pois bem! Se os infieis submeterem Auria, vem ter comigo aqui.”

Separaram-se, — e o inimigo chegou esse mesmo dia, antes do pôr do sol.

(Continuar-se-ha).

MINA DE FERRO NA SUECIA.

O VIAJANTE inglez Clarke descreve uma mina de ferro na Suecia, a qual elle visitou, como uma das scenas mais magnificas que na sua vida presenciára. É do diario deste atrevido e incansavel viajante que extraímos a seguinte descripção.

Sobre uma vasta campanha rasa está alevantada uma plataforma, na qual assentam as machinas necessarias para subir acima o metal. Grandes baldes andam continuamente para baixo e para cima; e as cadêas de que estão pendurados fazem um ruido melancolico, que repercutem as paredes daquelle grande poço. Olhando da borda desta plataforma, o espectador, que fica entontecido, vê, a mais de setenta braças de profundidade, um tropel de mineiros que se movem entre uma luz escaça, e que parecem, naquella enorme distancia, mais pigmeus da antiga fabula, do que homens robustos e crescidos, como são. Misturada com o melancolico ruido das cadêas dos baldes, subia do fundo daquelle abysmo uma confusa toada de varias vozes, de rodas que chiavam, de bombas que gemiam, juncto com o bater dos malhos, e as tremendas explosões da polvora, com que estalavam lá embaixo as pedreiras.

No meio desta bulha infernal, o Dr. Clarke, acompanhado pelo seu interprete e por dois mineiros, desceu á mina, por escadas de mão atadas umas ás outras, e encostadas do fundo até cima, sem no meio haver logar, onde se parasse; e como para tornar a descida mais perigosa, do que era necessario fosse, as escadas estavam em alguns logares podres, e n'outros partidas, e os degraus tão cubertos de lodo e de neve, que as mãos do viajante ficaram em breve geladas e dormentes: candidamente affirma elle, que pouco ainda descêra, quando já sentia vivo desejo de se ver em chão firme, e se arrependia de não se haver contentado de ver de cima. Mostrando a um dos seus guias a admiração, que lhe causava o estado de ruina, em que deixavam estar aquellas escadas, o homem lhe disse, que se não puzesse a pensar nisto, porque a mulher de certo mineiro se tinha despenhado, estando a fazer semelhantes reflexões no meio do caminho. Ouvindo esta boa noticia o interprete, que não tinha grande juizo, perguntou o que acontecera á mulher. O que lhe aconteceu?! — replicou o mineiro, largando uma das mãos da escada, e batendo uma palmada na côxa —: “Fez-se n'um bólo!”

O doutor foi mais venturoso do que a pobre mulher; porque, ainda que com muito trabalho e incommodo, chegou a salvamento ao fundo da mina. Aqui ficou admirado de achar neve inteiramente gelada, sendo geralmente sabido que, quanto mais se desce para o fundo da terra mais quente se vae achando a temperatura. Mas neste caso o grande âmbito da abertura dá logar a que entre de cima o ar atmosphérico em grande quantidade, de modo que a temperatura em baixo é a mesma, ou quasi a mesma, que ha na superficie da terra. — Passando por varias galerias abobadadas o viajante foi por fim conduzido á principal camara da mina, onde entre neve, fumo de

carvão de pedra, torrentes de agua despenhando-se, e uma bulha capaz de fazer ensurdecer quem não estivesse acostumado a ella, cincoenta mineiros estavam activamente empregados em diversos generos de trabalho. Mulheres mal encaradas e farruscadas, com o cabello empastado, e os olhos inflamados, tendo nas mãos fachos de pinho, faziam á roda delles horriveis visagens, e gritavam, com palavras inintelligiveis, quanto mais alto podiam. Repentinamente parou a bulha dos malhos, os guias conduziram á pressa o viajante e o seu interprete para fóra dalli; e justamente haviam começado a subir pelo poço, quando se ouviu uma tremenda explosão, com que parecia se arriunava toda aquella caverna. Este som repetiu-se por algum tempo nos echos, até que por fim ficou tudo em completo silencio.

MULHERES.

Os costumes de qualquer seculo dependem, mais do que nos parece, ou do que nos apraz confessar, do procedimento das mulheres: são ellas uma das principaes molas que fazem andar a machina da sociedade humana. Os que concedem que as graças mulheris tem contribuido para pulir os costumes dos homens, deveriam reflectir quão grande influencia a moral feminina tem tambem no proceder delles. — Muito é de lamentar, portanto, que as mulheres se contentem só de pulir, quando podiam reformar — de entreter, quando podiam instruir! — Nada apraz mais aos homens do que o vigor de entendimento, juncto á suavidade dos costumes: estas duas cousas unidas são oradores irresistiveis, dotados do poder da persuasão, ornados das doçuras do saber, e que convertem a mulher no mais nobre ornamento da natureza humana. — *Blair*.

USO DO CHUMBO ENTRE OS ANTIGOS.

É cousa averiguada que nos mais remotos seculos se usava do chumbo e do estanho para fabricar armas, e sobre tudo os ornatos dellas. Homero faz apenas menção deste metal, posto que nos tempos heroicos, sem duvida, já o sabiam distinguir do estanho. Comtudo, parece que ainda então não estava muito deffinida a differença que ha entre um e outro, visto que Homero dá indistinctamente o mesmo nome a um e a outro. Este antiquissimo poeta tambem allude ao costume de atarem ballas de chumbo nas pontas das linhas de pesca, e sem duvida no seu tempo já conheciam o methodo de amassar o chumbo, vista a flexibilidade d'elle, e facilidade com que se póde trabalhar. Caylus demonstrou que o uso deste metal era conhecido dos antigos romanos. Havia tambem o costume d'escrever no chumbo, o que remonta a uma grande antiguidade. Frontino e Dião Cassio referem que o consul Hirtio, cercado em Módena, escrevera em uma folha de chumbo o estado em que se achava, e a fizera passar a Decio Bruto, que lhe respondera pelo mesmo modo. Pausanias falla de certos livros de Hesiodo escriptos em tiras de chumbo; e se dermos credito a Plinio, até os actos publicos eram consignados em volumes, ou rollos do mesmo metal.

SEMANARIO HISTORICO.

Annos
de
J. C.

Julho 3

1497 — Vasco da Gama parte de Lisboa para o descobrimento da India.

1533 — Morre em Almáda o celebre viajante portuguez Fernão Mendes Pinto.

1790 — Morte de Adam Smith, economista escocez. A sua obra intitulada — *Investigações ácerca da Indole e Causas da Riqueza das Nações*, publicada em 1776 pode-se considerar como a introdução á moderna sciencia da economia politica.

1797 — Fallece Edmundo Burke celebre orador inglez.

9

1354 — Fallece o infante D. Pedro, conde de Barcellos, e filho d'elrei D. Diniz. Compoz o celebre livro das linhagens, de que só uma porção está impressa. Dizem que a sua estatura era prodigiosa; e que medindo-se-lhe os ossos quando se abriu a sua sepultura, em 1634, se achou que tinha de altura onze palmos e meio.

1816 — As provincias de La-Plata e Paraguay, na America Hespanhola, se declaram livres e independentes, e tomam o titulo de Provincias-Unidas da America do Sul.

10

1499 — Entra no Téjo a náu de Nicoláu Coelho, uma das da armada de Vasco da Gama, trazendo a noticia do descobrimento da India.

1683 — Morte de Mezeray, celebre historiador francez. Dizem que tinha o costume de trabalhar de dia, com luz accesa, e as janellas cuidadosamente fechadas.

11

1820 — O governo bavaro prohibe ao principe de Hohenlohe o fazer milagres no meio da rua e das praças publicas, e que, se quizer, os faça diante de uma commissão nomeada para examinar o tóque dos taes milagres. O principe não acceta a proposta.

12

1535 — Neste dia ataca o imperador Carlos 5.^o a boca do rio da Goleta em Africa, onde o celebre Barbaroxa estava fortificado, com todo o seu poder. Na armada christã se contavam vinte e tres vellas portuguezas, entre as quaes ía o maior galeão que tem havido no mundo, denominado S. João ou o Bota-fogo. Jogava trezentas e sessenta e seis peças de artilharia, e só a guarnição de soldados era de perto de mil homens. Este galeão, com um talhamar que levava na prôa, foi que abriu a entrada do rio, onde estava lançada uma grossa cadeia de ferro.

1536 — Morte de Erasmo — um dos homens mais sabios do seu tempo. Nas contestações entre Luthero e o Papa elle nunca se declarou por nenhum dos dois partidos; mas trabalhou quanto póde para os conciliar.

13

1491 — Morre o principe D. Affonso, filho de D. João 2.^o e successor da corôa, de uma queda que deu correndo a cavallo.

1789 — Rebenta neste dia a revolução franceza.

1793 — Murat é assassinado por Carlota Corday.

14

1817 — Morte de Madama de Stael.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis, rua nova do Carmo N.^o 39 = D.

LISBOA — Na TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.